



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

DA TERRA DO NUNCA AO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO: A ADAPTAÇÃO DE PETER PAN, DE J. M. BARRIE POR MONTEIRO LOBATO

LIMA, Joaes Cabral de; SEGABINAZI, Daniela Maria (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba – UFPB, joais_cabral@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba – UFPB dani.segabinazi@gmail.com,

Resumo: Objetiva-se discutir neste trabalho, a relação entre o texto original de *Peter Pan*, escrito por J. M. Barrie e a versão adaptada de Monteiro Lobato. Para tanto, apresentaremos um breve panorama histórico acerca da literatura infantil no Brasil, configurada a partir de adaptações de obras estrangeiras, de modo que este quadro só tende a mudar a partir de Monteiro Lobato, pois se antes no Brasil não havia textos voltados para as crianças, é Lobato que consegue transformar esta realidade e cria obras nas quais as crianças assumem o papel de heróis, o que ocasiona uma imediata identificação do novo público leitor com os textos lobatianos. Depois analisaremos a versão original de J. M. Barrie e, em seguida, voltaremos nosso olhar para a adaptação de *Peter Pan*, realizada por Lobato, para entendermos que sendo um grande defensor do texto adaptado, Lobato também propõe uma nova forma de adaptação, no sentido de serem diferentes, que tivessem a cara do público infantil, onde as crianças pudessem desfrutar de uma boa leitura e, assim, se sentissem parte da história, dessa maneira, seria necessário deixar de lado as expressões arcaicas e tão sem graça para apostar nas expressões mais próximas da realidade dos pequenos. Por fim, verificaremos em quais obras do escritor brasileiro este personagem da literatura inglesa aparece e como Peter Pan se relaciona com os personagens lobatianos. Para a fundamentação teórica buscamos apoio em autores tais como Carvalho (2006), Coelho (1991), Formiga (2009), Lajolo e Zilberman (1996), dentre outros.

Palavras-Chave: Adaptação, Peter Pan, Monteiro Lobato.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



INTRODUÇÃO

Não ter responsabilidades, não viver os problemas do mundo adulto, ser sempre criança e poder desfrutar das maravilhas que este universo infantil oportuniza, são traços que desenham a identidade de Peter Pan, nosso personagem muito conhecido por não querer crescer e por viver na Terra do Nunca, lugar onde sonhos e fantasias tornam-se realidade. Neste sentido, buscando analisar como surgiu este personagem dentro da literatura, utilizaremos uma tradução realizada por Ana Maria Machado (2006), da obra original, *Peter Pan*, escrita por James Matthew Barrie, para a partir de então, pensarmos no processo de adaptação utilizado por Monteiro Lobato, no sentido de aproximar o clássico literário, do público infantil brasileiro. A esta altura, vale ressaltar que algumas concepções de adaptação foram necessárias para a construção deste trabalho, dentre as quais, Amorim (2005) pensando no processo de adaptação nos diz que este:

Seria um processo de transformação que, se realizado com vigor, possibilitaria veicular imagens e estilos que poderiam ser considerados “fieis” ao contexto de referência. Por esse ângulo, não há um abandono da noção de fidelidade quando se trata da adaptação. Também não seria, necessariamente, um produto de baixa qualidade, ou que poderia ser produzido por qualquer profissional. (AMORIM, 2005, p. 120)

Dessa maneira, discutiremos, neste trabalho, a relação entre o texto original de *Peter Pan*, escrito por J. M. Barrie, a versão adaptada de Monteiro Lobato e outras obras deste mesmo autor, nas quais o personagem inglês aparece. Para tanto, apresentaremos um breve panorama histórico acerca da literatura infantil no Brasil, configurada a partir de adaptações de obras estrangeiras, de modo que este quadro só tende a mudar a partir de Monteiro Lobato, pois se antes no Brasil não havia textos voltados para as crianças, é Lobato que consegue transformar esta realidade e cria obras nas quais as crianças assumem o papel de heróis, o que ocasiona uma imediata identificação do novo público leitor com os textos lobatianos.

Depois analisaremos a versão original de J. M. Barrie e, em seguida, voltaremos nosso olhar para a adaptação de *Peter Pan*, realizada por Lobato, para entendermos que sendo um grande defensor do texto adaptado, Lobato também propõe uma nova forma de adaptação, no sentido de serem diferentes, que tivessem a cara do público infantil, onde as crianças pudessem desfrutar de uma boa leitura e, assim, se sentissem parte da história. Por fim, verificaremos em quais obras do escritor brasileiro este personagem da literatura inglesa aparece e como Peter Pan se relaciona com os personagens lobatianos.

PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL POR MEIO DAS ADAPTAÇÕES DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS

Adaptação de Clássicos Literários: formação de um cânone

Atualmente vem crescendo ainda mais a adaptação literária, sobretudo, aquelas dos clássicos da literatura, vistos como fundamentais para o trabalho com os alunos nas escolas e, ainda, pelo fato de que acabam tornando-se um importante gerador de lucros para as editoras, que visam, acima de tudo, um retorno nos investimentos feitos nas adaptações de determinadas obras.

Alguns professores ao selecionarem obras literárias para o trabalho com seus alunos, privilegiam os clássicos, por serem consagrados e porque já conhecem estas histórias, de modo que eles acabam anulando a possibilidade dos discentes demonstrarem sua preferência por determinadas leituras. Dessa maneira, percebe-se que há um autoritarismo na escolha do texto literário quando este servirá de material didático em sala de aula, e em meio a esta situação, recai sobre as editoras a tarefa de adaptarem as obras que atendam as aspirações destes professores que convictos de estarem oferecendo aos seus alunos as melhores opções de leitura, se revestem de uma verdade absoluta. Sobre isso nos aponta Carvalho:

Se a tarefa de mediação intratextual cabe ao adaptador, a do processo de adaptação como um todo é responsabilidade de um ou mais de um indivíduo e sim uma organização comercial, a instituição decidir todas as etapas desse trabalho, ou seja, selecionar o autor, a obra, o tipo de texto, o adaptador, a apresentação do texto em coleção ou não, o projeto gráfico, as formas de circulação e publicidade, tendo como referência o público leitor pretendido. O livro que contém a adaptação literária assume a condição de produto comercial, que precisa ser vendido e gerar lucro. (CARVALHO, 2006, p. 123)

Diante das palavras do autor, compreendemos que há uma relação muito forte entre o papel das editoras e a recepção do público que anseia por tais adaptações. A esta altura, convém ressaltar que a adaptação de uma obra é necessária, se admitirmos que muitas pessoas não conseguem compreendê-la, logo, em hipótese alguma terão a oportunidade de desfrutar de viagens fantásticas pelo universo literário a não ser que esta seja traduzida para um idioma próprio que resulte na compreensão por parte daqueles que sentem dificuldade em entendê-las. Ainda sobre o estreito relacionamento do mercado editorial e o consumidor, nos relata Formiga que:



O mercado editorial constitui as condições sociais de produção e de circulação dos produtos até o consumidor. Por outro lado, dentro da instância educacional, é a escola através de convenções e códigos atribuídos à leitura “legítima”, mediada pelo discurso da academia, dos documentos oficiais e do próprio marketing das editoras, que impõe a legitimação dos discursos dos livros autorizados. Se o mercado se encontra no campo do domínio dos instrumentos de bem cultural, a escola ao absorver o produto, acaba ratificando as escolhas. Na relação entre mercado/capital está e escola, existem tensões, naturalmente, porque há, no intercâmbio de circulação de mercadoria e de sua validação, uma relação de poder e autoridade, de força econômica e cultural. (2009, p. 177)

Indissociável desta tensão entre escola e editora, está o consumidor (leitor) que não tem liberdade alguma na escolha de suas leituras, que fica à revelia da escola, mas que muito contribui na escolha da indústria editorial com relação as obras que irão adaptar, afinal de contas, compete aos leitores a permanência ou não da leitura em meio a obra com a qual estão em contato.

Assim, os clássicos que estão sendo publicados na atualidade para o público infanto-juvenil, atendem a critérios didáticos levantados pelos professores que, em suma, selecionam e dão prioridade a determinadas obras que, posteriormente, servirão de suporte em suas aulas de literatura. As obras são escolhidas por meio de uma análise de catálogos que fornecem informações sobre os livros mais produzidos pela indústria livresca e que, conseqüentemente, serão os ideais para o trabalho no contexto escolar. Outro aspecto que é levado em conta na escolha dos clássicos literários é a faixa etária dos leitores, o que representa um problema, afinal de contas, em muitas situações são oferecidos textos literários para alunos cuja faixa etária não é conivente com a proposta daquela obra, na verdade, eles não apresentam certa maturidade para entrar em contato com textos das mais diversas naturezas e acabam ficando perdidos por não conseguirem compreender aquilo que a obra propõe.

Por assim dizer, que a escolha dos clássicos literários forma um cânone, de modo a ser utilizado na escola como leituras obrigatórias e que estimularão o aprendizado dos alunos e conseqüentemente os tornarão leitores sofisticados, afinal de contas estarão em contato com o expoente da literatura infanto-juvenil. Assim vai se verificando a necessidade da adaptação, uma vez que na infância ou até mesmo na fase da adolescência não é necessário o contato com a obra original, é importante apresentar ao aluno o texto adaptado, até mesmo para reafirmar aquilo que já fora mencionado até aqui sobre aproximar o texto literário da linguagem do aluno e assim traduzi-lo para uma língua própria das nossas crianças, jovens e adolescentes.

Na infância, não podemos negar que o interesse dos alunos é desfrutarem de boas histórias,



muitas vezes interessantes, atrativas aos olhos dos pequenos, quanto mais lúdica melhor, portanto, questões mais técnicas, a exemplo de enredo, recursos estilísticos e usos de expressões rebuscadas comumente usadas em textos literários só serão necessárias e vistas como importantes mais tarde em um momento em que as crianças estejam desfrutando de uma fase mais madura de sua vida enquanto leitores críticos que posteriormente se tornarão.

A esta altura, já fica claro que o mercado editorial apresenta uma vasta lista de obras adaptadas que pertencem a este cânone e em meio a tais clássicos um fato que merece destaque é o reconhecimento de autores consagrados, que ao se verem diante de adaptações de seus textos, afirmam que os mesmos são de qualidade, reforçando assim, a ideia de que ao adaptar um texto em hipótese alguma está destruindo a obra original, como aponta Formiga e Inácio:

Nem toda adaptação é sinônimo de mutilação de um clássico, afinal diversos escritores de renome se dedicam, ou se dedicaram, a esse trabalho. Também não podemos ignorar o fato de que muitos leitores chegaram ao texto integral do clássico, graças ao contato inicial com outros referentes, produzidos não apenas no formato em que vimos discutindo aqui, mas através de várias outras manifestações dos meios de comunicação, a exemplo de filmes, desenhos animados, histórias em quadrinhos, séries de televisão, e de muitos gêneros que atualmente circulam na web. Ademais, um clássico é um livro que pode ser retomado em diferentes momentos na vida do leitor, e por esta razão não constitui uma operação definitiva na adaptação (2012, p. 63)

Verifica-se que o trabalho com a adaptação simboliza uma aproximação do leitor com os clássicos, o que nos permite afirmar que esta seria uma alternativa viável de criar novos leitores, se pensarmos que o texto adaptado é capaz de atrair a atenção dos leitores que estão iniciando suas leituras. Assim, vem crescendo bastante a adaptação de textos literários, justamente por contribuírem de forma significativa para a formação de leitores críticos. Neste universo a obra adaptada se configura como um texto de caráter tão nobre quanto o original, pois além de apresentar ao leitor uma literatura sofisticada e rebuscada, ao ponto de ser inserida no cânone, ela muito contribui para a aceitação de um público que necessita de uma outra possibilidade de ter acesso a esta literatura.

Assim, é inconcebível considerar o texto adaptado como de má qualidade ou que este esteja abaixo da obra original, ao contrário, ele consegue estabelecer um amplo diálogo com esta, por isso a natureza de tais textos deve ser aceita e devidamente justificada se pensarmos no público para o qual a obra adaptada se destina. É pensando sobretudo, neste enfoque que a adaptação não pode substituir a obra original, ela apenas auxilia na apresentação da literatura para aqueles leitores que



pouco estão familiarizados com o universo literário. É o que nos relata, Formiga e Inácio (2012), em se tratando da obra adaptada em razão do texto original:

A adaptação não pode substituir o texto integral; na verdade, ela atua como uma introdução, pois apresenta a obra aos leitores ainda claudicantes, pouco familiarizados com a literatura, representando o papel de desvelar ao leitor iniciante os textos que fazem parte do acervo literário universal. Por conseguinte, ela tem o mérito de ser lida, efetivamente, por um contingente de leitores, que não a rejeita, como ocorre nos casos de obras mais exigentes em sua proposta estética. Nesse sentido, a adaptação pode assegurar a leitura da obra pelos leitores em formação, sem comprometer as exigências próprias do mundo da arte, sendo possível a conciliação entre a qualidade literária e a possibilidade efetiva de leitura das obras. (p.67)

Dessa forma, pode-se afirmar que a adaptação tem seu papel fundamental junto ao trabalho dos clássicos literários que, somada aos desejos da escola, representa uma forma de oportunizar aos leitores um forte contato com o universo literário e assim trilharem por caminhos que serão capazes de traçar um perfil frente uma maturidade que estes irão adquirir em meio a este percurso iniciado ainda na infância, quando já são induzidos a entrarem em contato com as obras consagradas, constituintes deste cânone tão mencionado até agora.

LITERATURA INFANTIL NO BRASIL: AS ADAPTAÇÕES

O surgimento de uma literatura para o público infantil-juvenil, ocorre mais precisamente por volta do século XVIII, quando surge o conceito de infância e associado a este, o conceito de criança. A burguesia separou a infância da idade adulta, vendo aquela como uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e formação específica. Assim, para entendermos o universo infantil e esta relação com a formação leitora é necessário compreendermos como surgiu o conceito de infância, de modo a ressaltarmos que este teve início no século XIII, contudo, é durante os séculos XVI e XVII que assistimos uma crescente abordagem acerca desta concepção, retratada, sobretudo, através das obras de pintores que interessados pela temática da infância, passam a demonstrar situações intimamente ligadas a realidade desta nova categoria e dos personagens que estão inseridos neste espaço.

Dessa maneira, as primeiras crianças que chegaram na América por meio da expansão marítima, sofreram bastante, haja vista a série de violência as quais foram submetidas. A princípio



foram obrigadas a abandonarem seu ambiente e tiveram que se deslocar para outro lugar, passando por inúmeros sofrimentos, a exemplo da fome que por vezes era a companhia dos pequenos que viam-se obrigados a passar o dia sem se alimentar, além disso, os abusos sexuais eram recorrentes, uma vez que os adultos aproveitavam-se da incapacidade de defesa das crianças e passavam a submetê-las à práticas sexuais, algo que causava grandes transtornos psicológicos às crianças, e associado a tais questões, merece destaque o medo, oriundo das dificuldades que surgiam ao longo da viagem, como tempestades e situações complicadas oferecidas pelos perigos do percurso em alto mar.

Refletindo sobre estes aspectos ligados à criança, Coutinho (2005) nos apresenta o pensamento filosófico acerca desta pretensão em diminuir a criança, considerando-a igual aos animais ou até mesmo igualando-as à mulher, no sentido de equipará-las aos escravos. Coutinho (2005) ressalta que:

Também para Aristóteles a educação da criança do sexo masculino deveria requerer um esforço substancial do estado, uma vez que na concepção do filósofo a infância é vista sob o signo da precariedade, por não conseguir realizar ações típicas da idade adulta. (COUTINHO, 2005, p. 21)

No livro *História Social da Criança e da Família* (1975), Philippe Ariès demonstra o desenvolvimento do universo infantil desde a Idade Média até os dias de hoje. Em seus estudos Ariès (1975) apresenta duas teses no que tange à infância; na primeira tese ele discorre a respeito da ausência de compreensão dos adultos quanto ao universo da infância, assim as crianças eram postas no anonimato, na verdade, eram assemelhadas a um adulto, pois constantemente estavam ligadas ao convívio dos adultos e extremamente distantes do mundo próprio delas, permeado pelas brincadeiras e brinquedos; na segunda tese, Ariès apresenta a nova postura assumida pela criança, pois com o surgimento das sociedades industriais, as famílias passam a ter um novo olhar para a criança e já se assiste, inclusive, um surgimento do processo de escolarização. Assim, foi através da constituição da família nos séculos XVIII e XIX que a criança passa a ser tratada de uma forma diferente e ganha um novo olhar que indica uma melhoria no tocante ao universo infantil.

Verificamos como se configura este espaço da infância durante a Idade Média, mas necessitamos entender como se evidencia os aspectos associados ao mundo da criança no século XIX que reflete a forma como concebemos o espaço infantil nos dias de hoje; nas palavras de



Mendes e Neto:

Se ainda no começo do século XIX sentimos um deslocamento da realidade infantil em relação à sociedade, isso é causado pela acentuada pobreza na maioria das sociedades. Ora, se pensarmos a realidade dos países pobres, e nesse panorama o Brasil se insere, chegaremos à conclusão de que a realidade da infância é uma possibilidade praticamente do pós-guerra. É com as melhorias sociais, muito mais acentuadas nesse período que teremos condições de vislumbrar uma infância tomada pelos brinquedos, ainda que sejam os mais simples, como o pião, o papagaio (ou pipa) e as brincadeiras, que só estão presentes numa infância livre, distante do trabalho. (2013, p. 7)

A narrativa popular surge por meio das histórias de Charles Perrault, denominada “Os contos da mãe gansa”, de 1697. Perrault teve como principal fonte para a produção de suas histórias, as narrativas da babá de sua filha, de modo que estas histórias passaram por algumas adaptações para atenderem o público sofisticado da época para o qual tais histórias eram destinadas. As autoras Zilberman e Lajolo (2006) também apontam Perrault como um dos precursores da literatura infantil europeia, sobre o livro “Os contos da mãe gansa”, elas afirmam que ele “provoca uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literarizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal leitura infantil. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p 16).

Na Alemanha, os Irmãos Grimm, também contribuíram para que as narrativas populares se consolidassem como literatura destinada às crianças. Assim os contos populares europeus tornaram-se clássicos da literatura infantil universal e chegaram ao Brasil por meio de adaptações de autores como Carlos Jansen, que publicou a primeira tradução do conto As mil e uma noites; e Figueiredo Pimentel, que divulgou os contos de Perrault, dos Irmãos Grimm e de Andersen.

JAMES BARRIE E MONTEIRO LOBATO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS A PARTIR DE PETER PAN

James Barrie e a criação de Peter Pan

Peter Pan surge pela primeira vez em 1902, numa obra intitulada O pequeno pássaro branco que nada mais é do que uma ficção da relação estabelecida entre Barrie e os filhos da família Davies. Em 1911, Barrie publica *Peter e Wendy*, mas que normalmente é chamada simplesmente de *Peter Pan*. O personagem dessa obra é um menino que se recusa a crescer e que passa a vida em busca de aventuras mágicas.



De acordo com Mourão (2010), pensando no mito de Peter Pan, podemos encontrar características pertinentes a este personagem, de modo a compreender sua relação com o mundo no qual ele está inserido:

Seu nome Pan e o ato de tocar flauta remete ao deus grego Pã, deus dos bosques, dos rebanhos e dos pastores e do pavor súbito. Por essa razão seu nome se deriva o pânico. Isso mostra que Peter é muito ligado a natureza, mas que também é apavorante e assustador. Peter Pan é o arquétipo que Carl Jung denominou de *puer aeternus*, ou seja, a eterna criança. Nesse contexto, Pan se assemelha também a Dionísio e a Eros, deuses crianças da mitologia grega. Ele vive entre as fadas, ou seja, em um mundo de imaginação e de fantasia, não aceitando a realidade. Seu lar é a Terra do Nunca, onde só vivem meninos que como ele não crescem. (MOURÃO 2010, p. 01)

A história de Peter Pan, inicia-se a partir do momento em que ele escuta seus pais conversando acerca dos planos para o futuro de Peter, e aquilo não agradou o menino, que por não querer tornar-se adulto, acaba fugindo de casa para “Kensington Gardens”. Peter conhece a família Darling e por gostar tanto das histórias que a senhora Darling contava para seus filhos sempre visitava a casa dos Darling em busca de novas histórias que, em seguida, servia de suporte para suas contações de histórias com os meninos perdidos na Terra do Nunca.

Peter Pan à luz de Monteiro Lobato

A história de Peter Pan chega ao Brasil por meio de Monteiro Lobato, que publicou sua versão em 1930. Lobato apresentou ao público brasileiro uma nova perspectiva dentro da narrativa de Peter Pan. Assim, com o título de *Peter Pan: o menino que não queria crescer*, a história é narrada por Dona Benta aos moradores do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Convém ressaltar que Monteiro Lobato não faz uma tradução integral da obra, mas sim, uma adaptação, visto que ao longo da narrativa, há alguns acréscimos feitos pela boneca Emília e pelos outros personagens do sítio, no entanto, conteúdo da obra original permanece. Lobato não queria apresentar o clássico inglês ao público brasileiro, mas sim, aproximá-lo da nossa literatura. Assim ele estabelece uma relação entre o clássico e o popular, de modo a relacionar os personagens de Barrie com os seus.

Como mencionamos anteriormente, Lobato nos apresenta Peter Pan por meio da adaptação, portanto, vamos dar uma pausa em nossa análise acerca da obra e destacar aqui algumas concepções de adaptação para compreendermos o que aconteceu com a obra de Barrie, sob o olhar de Lobato e



assim possamos continuar nosso percurso frente a análise da versão brasileira do clássico inglês. Então vejamos que Amorim ao pensar a adaptação afirma que ela:

Seria um processo de transformação que, se realizado com vigor, possibilitaria veicular imagens e estilos que poderiam ser considerados “fieis” ao contexto de referência. Por esse ângulo, não há um abandono da noção de fidelidade quando se trata da adaptação. Também não seria, necessariamente, um produto de baixa qualidade, ou que poderia ser produzido por qualquer profissional. (AMORIM, 2005, p. 120)

A adaptação, processo que inegavelmente obteve sucesso no início da literatura infanto-juvenil, liga-se à acusação de empobrecimento dos textos. Amorim (2005) ao discorrer sobre o conceito de adaptação utilizado para se referir às reescrituras de obras clássicas direcionadas para determinado público, como o infanto-juvenil, afirma que:

Nesse caso, é comum tradutores e estudiosos da literatura associarem o conceito de adaptação a uma forma de simplificação ou empobrecimento dos textos originais, que atenderia apenas aos interesses comerciais das editoras, sem nenhuma preocupação com valores estéticos (AMORIM, 2005, p.16).

O PERSONAGEM PETER PAN NOS TEXTOS LOBATIANOS

Peter Pan aparece nos textos lobatianos em três momentos: a primeira vez em uma adaptação com o título *Peter Pan* (1930) e depois nas obras *Memórias da Emília* (1936) e *O Picapau Amarelo* (1939). Em *Memórias da Emília* Peter Pan chega ao Sítio juntamente com Alice, aquela do País das maravilhas, no intuito de ver o anjinho que caiu do céu, assim ele é apenas um visitante. Em *O Picapau Amarelo*, o personagem aparece no Sítio, não como visitante, mas como morador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise entre o texto de Lobato e o de James Barrie, mostra as diferenças entre o original e a adaptação, assim a partir destes acréscimos realizados por Lobato podemos afirmar que há uma aproximação do texto com a nossa realidade, no sentido de tornar a linguagem mais próxima à linguagem brasileira. Portanto, a forma como Dona Benta conta a história para seus ouvintes, através de uma simplificação, nada mais é do que uma maneira de dialogar com os outros



personagens por meio de um texto que seja compreendido.

Assim, pode-se afirmar que no texto de Lobato não há um empobrecimento, afinal de contas, por mais que trate-se de uma adaptação, haja vista os acréscimos feitos por Emília e pelos outros personagens do Sítio, ao longo da narrativa contada por Dona Benta, ainda assim, o conteúdo da obra original, permanece o mesmo. A adaptação de Peter Pan, feita por Monteiro Lobato, chega ao fim com os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo desejando um dia conhecer Peter Pan, e isso acontece em outros textos lobatianos, nos fazendo pensar acerca deste diálogo que surge a partir da relação do personagem inglês com os personagens brasileiros.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling/** Lauro Maia Amorim. - São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BARRIE, James Matthew. **Peter Pan.** Trad.: Ana Maria Machado. Ilust.: Fernando Vicente. 2 ed. São Paulo: Salamandra, 2006.

BARRIE, J. M. **Peter Pan.** Trad. Julia Romeu. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, 253 p.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil.** Porto Alegre, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo.** 4 ed. Ática, 1991.

COUTINHO, Fernanda. **As imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry.** In: CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza, A. P.; MIRANDA, Tathiane P. (Org). Tese e Dissertações – Grupo Protexto. Fortaleza - CE: PROTEXTO – UFC, 2005, V 1, p. 01 – 235.

FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil.** João Pessoa: UFPB, 2009.

FORMIGA, Girlene Marques; INÁCIO, Francilda Araújo. **Textos literários em materialidades diversas: Práticas de leitura para jovens leitores.** Letras em Revista, Teresina, 2012.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Literatura infantil brasileira: História e histórias.** 6.ed., 8ª reimpressão. São



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Paulo: Ática, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. São Paulo: Brasiliense, 1952a.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 1952b.

LOBATO, Monteiro. **Peter Pan**. São Paulo. Brasiliense, 1952c.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. v.2. Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2007.

MOURÃO, Hellen Reis. **Peter Pan, uma visão do menino que não quer crescer**. São Paulo, 2010.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br